



Centro Universitário de Brasília

LUIZA DE MORAES DINIZ

**O ESTUDO DO GÊNERO FEMININO SOB A ANÁLISE DA OBRA
UM TETO TODO SEU, DE VIRGINIA WOOLF**

Brasília
2013

LUIZA DE MORAES DINIZ

**O ESTUDO DO GÊNERO FEMININO SOB A ANÁLISE DA OBRA
UM TETO TODO SEU, DE VIRGINIA WOOLF**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de graduação em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Prof. Ms. Danúzia Gabriela Florêncio Coutinho.

Brasília
2013

LUISA DE MORAES DINIZ

**O ESTUDO DO GÊNERO FEMININO SOB A ANÁLISE DA OBRA
UM TETO TODO SEU, DE VIRGINIA WOOLF**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de graduação em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Prof. Ms. Danúzia Gabriela Florêncio Coutinho.

Brasília, 14 de junho de 2013.

Banca Examinadora

Prof. Ms. Danúzia Gabriela Florêncio Coutinho

Prof. Dr. Ana Luiza Montalvão Maia

Prof. Dr. Maria Eneida Matos da Rosa

Para meus pais, José Roberto e Regina,
e para a minha avó, Arlette,
pelo amor, carinho e motivação.

Aos meus irmãos Vitória e Marco, que sempre me incentivaram.

À minha orientadora Danúzia Gabriela, pelo estímulo e parceria para a realização deste trabalho.

À Autilene, Bianca, Cinthia, Juliana e ao Rômulo, pela amizade.

Um profundo agradecimento a todos. A compreensão em compartilhar desse momento comigo possibilitou a elaboração desta monografia.

"Mas os deuses, invejosos do poder desses andróginos, dividiu-os e assim, a partir de então, cada homem procura sua outra metade. Enquanto essa outra metade foi considerada em função do amor, a outra metade, o casal, a interpretação da história também se aplica ao mesmo ser humano como um todo, onde deve existir uma combinação de masculino e feminino no processo da perfeição espiritual. Essa ideia pode ser interpretada como uma metáfora na qual a intuição e a razão devem andar juntas para forjar um homem ideal."

(O Banquete de Platão)

RESUMO

A imagem social da mulher está em franco processo de reformulação. Para maior compreensão da obra de Virginia Woolf, foi estudada a sociedade britânica a partir do século XIX e as características sociais que passaram a determinar as diferenças de gênero. Esta monografia visa uma investigação exploratória acerca da construção social das diferenças sexistas na sociedade. Com esse intuito, realizaram-se análises bibliográficas de materiais literários da autora Virginia Woolf e de livros históricos que retratam a posição social da mulher. A obra pesquisada expressa os anseios femininos por legitimidade social, por meio do acesso à cultura e à palavra. A partir da pesquisa, foi possível analisar que até o final do século XIX a mulher ocidental não tinha autonomia, que sua independência foi alcançada pelos movimentos feministas, cuja ordem lutava pela vida intelectual delas. Dentre as principais análises, cita-se a inserção da mulher na produção intelectual e cultural no início do século XX, a emancipação feminina e o advento da medicina com métodos contraceptivos, que as libertaram para o ambiente profissional. O papel social feminino restrito a ser apenas mãe, mulher ou amante já não se enquadra mais na sociedade contemporânea, fala-se em multiplicidade de papéis. Em contrapartida, a violência de gênero aumentou nas últimas décadas, criando uma nova fronteira do feminismo. Por fim, constata-se a importância desta pesquisa para o trabalho nas aulas de literatura inglesa, visto que o estilo inovador e revolucionário dos escritos de Virginia Woolf possibilita o desenvolvimento da postura crítica reflexiva, que reconstrói os conhecimentos sobre a realidade do mundo social dos estudantes.

Palavras-chave: Feminismo. Virginia Woolf. Literatura Inglesa.

ABSTRACT

The social image of women is under a strong process of reformulation. For a bigger comprehension of Virginia Woolf's work, British society from the 19th century, and social characteristics which began to determine gender differences, have been studied. This dissertation aims to make an exploratory research of the social construction of sexism in society. Thus, a bibliographical analyses of the literary material of the author Virginia Woolf, and historical books which show women's social position, have been made. The researched work expresses feminine yearnings for social legitimacy by accessing culture and word. Through this research it was possible to analyse that until the end of the 19th century women had no autonomy whatsoever, and that their independence has been reached by feminist movements, whose cause fought for their intellectual lives. Among the main analysis, are cited women's insertion in intellectual and cultural production in the 20th century, feminine emancipation and medicine's advent of contraceptive methods, which released them to the professional field. The social feminine role, limited only to being mother or lover, no longer suits contemporary society; multiple roles are being considered. However, gender violence has increased in recent decades, creating a new boundary of feminism. Finally, the importance of this research in English literature classes is noticeable, keeping in mind that the innovative and revolutionary style of Virginia Woolf's writing makes it possible to develop the critical reflexive posture, which rebuilds the knowledge about the reality of students' social world.

Key words: Feminism. Virginia Woolf. English Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 ESTILO DE ÉPOCA E ESTILO DA AUTORA.....	11
2 UM TETO TOTO SEU: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM FEMININA.....	26
3 NA SALA DE AULA COM O TEMA: O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE..	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42

INTRODUÇÃO

As diferenças contemporâneas relacionadas a homens e mulheres têm sido alvo de grandes estudos que buscam uma maior compreensão acerca do estudo do gênero feminino. Observa-se também, que as transformações sociais que ocorreram ultimamente têm feito com que inúmeros pesquisadores das mais diversas áreas se debrucem sobre os temas que circunscrevem os costumes da sociedade e os direitos femininos, visto que esses estão em grande processo de conquista.

O estudo da mulher e do comportamento feminino ocorre desde antes de Cristo. Pesquisadores e filósofos publicam estudos que retratam o pensamento da sociedade da época sobre o assunto. Logo, Aristóteles em 350 a.C., defendendo que “a fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades”. Com diferenças de séculos, outra pesquisadora do assunto é Mary Woolstonecraft (1759-1797), que defende a igualdade dos sexos ao publicar *A vindication of the rights of woman*.

Jean-Paul Sartre (1905-1980) argumenta que a “existência precede a essência”. Uma importante defensora do feminismo é Simone de Beauvoir (1908-1986), ao determinar que o homem seja definido como ser humano e a mulher, como fêmea, e Lucy Irigary (1932-), que explora as implicações filosóficas da diferença sexual (BUCKINGHAM, 2011, p. 276).

A mulher, salvo exceções, apresenta-se historicamente uniforme, sem acesso à cultura e à educação, baseia-se apenas no ideal familiar, executando atividades domésticas e na serventia aos maridos e filhos. Enquanto os homens, considerados respeitáveis, frequentam casas noturnas e casas de jogos.

Esse panorama de hipocrisia do final do século XIX e início do século XX despertou na Europa ocidental uma necessidade de ruptura dos costumes e diferenças sexistas. As mulheres, ao afirmarem que não são inferiores aos homens, passaram a lutar pela conquista de seu espaço na vida intelectual.

Os estudos e afirmações supracitados sempre causaram revoltas nos mais variados grupos sociais. Para maior compreensão do movimento feminista, suas vertentes e diálogo com as representações artísticas, a presente pesquisa tem

como finalidade analisar como a obra *Um Teto Todo Seu*, de Virginia Woolf, retrata a questão do gênero feminino. Em seus escritos, há sempre uma necessidade revolucionária de manifestar seus ideais igualitários. Assim, a autora descreve uma personagem que se assemelha muito a ela: vive sozinha, é engajada na produção literária e recebe uma certa quantia anual, dinheiro necessário na época para viver bem.

Para isso, na metodologia aplicada a este Trabalho de Conclusão de Curso foi utilizado apenas um tipo de pesquisa, a qualitativa. Para compreender o gênero feminino e sua luta social, o trabalho foi realizado com base em livros relacionados ao tema, bem como artigos digitais que relacionam informações relevantes para a análise do comportamento feminino na obra de Woolf.

Portanto, os objetivos do presente trabalho são contextualizar a obra de Virginia Woolf na literatura inglesa do século XIX e especificar os aspectos da condição feminina na sociedade inglesa no período de escritura de Woolf. Espera-se demonstrar com este estudo a importância da análise histórica e literária do papel social da mulher para então compreender como ocorre o preconceito e as diferenças de gênero na sociedade atual. Uma das reivindicações atuais do feminismo é a eliminação dos ataques físicos contra a mulher.

O presente trabalho foi então estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se uma análise sobre o estilo de época, estilo da autora Virginia Woolf e identifica a questão do feminino na literatura inglesa. O segundo capítulo proporciona uma análise da personagem feminina na obra *Um Teto Todo Seu*. No terceiro e último capítulo, é apresentada a forma que a pesquisa sobre literatura inglesa e feminismo pode ser aplicada no âmbito escolar.

1 ESTILO DE ÉPOCA E ESTILO DA AUTORA

As mudanças na Europa no fim do século XIX e início do século XX decorrentes da Revolução Industrial e avanços científicos retratam um panorama sociocultural de incertezas e abalos. Segundo Cevasco e Siqueira (1985, p. 73), a mística do império Britânico se encerra com a Guerra de Boêres e com a agitação na Ilha de Gandhi. As reformas sociais se destacam para as classes menos favorecidas, cuja ordem luta por voto e educação. A morte da rainha Vitória ocorre em 1901, Sigmund Freud publica *A Interpretação dos Sonhos* em 1899-1900, teorizando acerca do inconsciente no comportamento humano, o naufrágio do *Titanic* se dá em 1912, diminuindo também a fé no poder da ciência como reparadora dos problemas da sociedade, o advento da Primeira Guerra Mundial é em 1914-1918, tornando-se um marco de mudanças sociais e desencanto.

Esses eventos deixam feridas na humanidade, são fatos que levam ao questionamento da existência e do papel do homem no universo. Para Silva (2006, p. 268), o homem, que é criatura máxima de Deus, perde sua posição central no universo desde quando Nicolau Copérnico, astrônomo polonês do século XVI, contraria as ideias da Igreja e prova que a Terra gira ao redor do sol e não o contrário. Entre a Revolução Industrial e o início do século XIX as transformações do mundo serão profundamente aceleradas.

Nessas circunstâncias de dúvidas e anseios, aquela sociedade se sente mais sensível para novas manifestações da arte. Nesse cenário, a expressão de ideias e sentimentos assume uma nova perspectiva social, a de libertar os medos, os conceitos estabelecidos e de dar voz aos menos assistidos. Além do cunho ideológico e político, os artistas dessa época têm a sensibilidade de identificar os problemas sociais e de aplicarem conceitos revolucionários nas diversas formas da arte, como na literatura, na pintura, e na arquitetura.

Para a literatura, o Modernismo, movimento de irradiação cultural, surge na Europa e se difunde por todo o ocidente através de manifestos de vanguarda, significando uma visão inovadora do mundo. Para Szabolci (1990, p. 34):

A complexa modernidade da Europa centro-oriental é uma corrente literária de grande vigor, ampla, de profunda repercussão, que chega a influir até mesmo sobre a vida política; percorre um arco que começa em Baudelaire e vai até os expressionistas e surrealistas.

Na era da vanguarda, os grupos de escritores questionam todo o desenvolvimento anterior da literatura: proclamam e realizam reuniões e manifestações. Segundo Szabolci (1990, p. 51), é natural considerar a vanguarda como movimento ou conjunto de movimentos. Sendo um conjunto de correntes artístico-literárias, os escritores do movimento assumem uma nova visão política, identificando os movimentos de esquerda, progressistas, anarquistas e socialistas.

Como um fenômeno social, os artistas sentem a necessidade de sair em busca de novos caminhos, renovando o conceito da arte e da sociedade. Desse modo, os escritores utilizam das técnicas dos pintores do Impressionismo como forma de apresentar as impressões de um dado objeto. Ou seja, para eles, é mais importante reter as impressões que o objeto ou a situação causam no artista do que descrevê-lo com precisos detalhes. No impressionismo literário, a essência do engajamento revolucionário nos escritos é manifestar emoções e sensações. Silva (2006, p. 271) descreve: “Na poesia, o impressionismo foi um importante aspecto nos trabalhos dos imagistas Ezra Pound, Amy Lowell etc. Na ficção, ele está presente na obra de Dorothy Richardson e Virgínia Woolf”.

Com textos de significado inovador e ardente defensora dos direitos feministas, a escritora Adeline Virginia Woolf nasceu em Londres, em 1882. Sua vida sempre foi marcada por perturbações: em 1888 sofre abusos sexuais de seu meio-irmão (por parte de mãe), em 1895 falece sua mãe e aparecem os primeiros sinais da depressão. Posteriormente, morrem sua meia-irmã e seu irmão. Em 1904 falece seu pai, editor Leslie Stephen, e se muda para Bloomsbury, cujo distrito londrino é associado a *The Bloomsbury Group*, onde notáveis intelectuais do momento se reúnem para debates artísticos e políticos. Lá, destaca-se pela preocupação ideológica e política em seu círculo de amigos revolucionários. Casa-se com Leonard Woolf e juntos fundam a Hogarth Press, editora que destaca escritores como T.S. Eliot, Gorki, Rilke, Freud, e Katherine Mansfield. Woolf é uma escritora

prolífica: produz romances, contos, resenhas para jornais, e ensaios. Em 1941, o terror causado pela Segunda Guerra Mundial e a percepção de que está perdendo a noção da sanidade mental intensificam sua doença depressiva, o que a faz suicidar-se em um rio próximo à sua casa.

Para Bloom (1994, p. 415), ela é a mais completa pessoa-de-letras do século XX. Em seus ensaios/romances, ela alarga as tradições centrais da literatura inglesa em aspectos inovadores, além de todas as polêmicas possíveis. Em suas produções literárias, Woolf utiliza o monólogo interior indireto como técnica para tratar da consciência da personagem. Ao lado de James Joyce (1882-1941), ela inova a noção dos romances psicológicos introduzindo a ideia de fluxo de consciência. Tratando da experiência emocional das personagens, ela serve como uma selecionadora: apresenta, guia e comenta as emoções psicológicas.

Segundo Silva (2006, p. 273), Virgínia busca uma forma mais sensível de explorar os sutis aspectos da consciência humana. Seus dois primeiros romances são *Voyage Out* (1915) e *Night and Day* (1919). Para ele, a autora segue uma linha mais tradicional de narrativa, mas a partir desse ponto, desenvolve e assume seu próprio estilo, explorando temas políticos nas obras ficcionais, como em *Jacob's Rooms* (1922), *Mrs. Dalloway* (1925), *To the Lighthouse* (1927), *The Waves* (1931) e *Between the Acts* (1941).

Virginia também exalta os direitos da mulher britânica do século XX. Em seus escritos, publica *Um Teto Todo Seu* (1929), onde leva a abordagem existencialista às ideias feministas, *Three Guineas* (1938), além de *Orlando* (1928), onde defende o ideal andrógino, o equilíbrio dos opostos e o equilíbrio da completude, seguindo as teorias de Platão.

Bloom (1994, p. 419), ao considerar que a obra de Virginia Woolf é canônica, ou seja, eterna do ponto de vista secular, ressalta que:

Virginia Woolf é hoje mais discutida como autora de *A Room of One's Own* do que como a romancista que escreveu *Mrs. Dalloway* e *To the Lighthouse*. A fama atual de Orlando quase nada tem a ver com a metamorfose sexual do herói-heroína, e muito pouco deve ao que

mais importa no livro: comédia, caracterização e um intenso amor pelas grandes eras da literatura inglesa. Não me lembro de outro romancista forte que centre tudo em seu forte amor à leitura como faz Virginia.

Conforme Bloom (1994, p. 416), ela mais se interessa pela aventura da jornada do que pelo próprio fim, identifica o que há de melhor na vida como na sua leitura e na sua escrita. Ele ainda compara o estilo da artista com as escritoras Jane Austen e Charlotte Brontë. Austen, em *Pride and Prejudice*, cria uma leitura livre de ódio, de ressentimento, de negação, de medo ou de protesto. E Brontë, em *Jane Eyre*, mostra-se uma artista muito talentosa, porém com muitos conflitos internos que a impedem de escrever com sabedoria. Mesclando os estilos literários, Woolf em *The Waves* e em *Between the Acts* se aproxima mais de Austen ao consumir todos os impedimentos externos, sem qualquer atuação de censura e, ao publicar *Three Guineas*, ela se aproxima de Brontë, demonstrando sua fúria contra o patriarcado.

Para Scaramuzza Filho (2008, p. 7.), em sua trajetória literária, a maioria dos recursos estilísticos utilizados pela autora é de metáfora de bipolaridade. Há vários elementos que são característicos do Modernismo, como as metáforas para representar a sociedade britânica do momento. Então ele destaca na obra da autora as noções de:

- a) Macrouniverso e microuniverso: enquanto pessoas, bibliotecas e aeroplanos representam o macrouniverso, folhas, insetos e borboletas representam o micro;
- b) Mundo exterior e mundo interior: ambientes físicos para tratar a situação material representam o mundo exterior e ideias e pensamentos das personagens representam o mundo interior;
- c) Elementos masculinos e femininos: as cores dos detalhes e formas de expressão (flores azul, amarela e vermelha para a noção masculina, enquanto borboletas azul e branca para distinguir o feminino);

- d) Velho e novo: acontecimentos do passado (lembranças do que aconteceu e espíritos) e acontecimentos momentâneos (crianças brincando e casais passeando ao ar livre);
- e) Guerra e Paz: elementos que lembram a morte para representarem a guerra, como os espíritos, e elementos que lembram a vida para representarem a paz, como a natureza;
- f) Elementos isolados e conjuntos: ambientes como uma ilha para representarem o isolamento e elementos que representam a coletividade, como um bairro que contempla uma socialização;
- g) Cavalo *versus* caracol: no livro *Kew Gardens*, Virginia usa a ideia de caracol e cavalo para fazer uma analogia à velocidade tecnológica dos tempos modernos oriundas da Revolução Industrial. O cavalo é comparado ao homem velho da sociedade, cujas ideias fluem rapidamente, além da energia, força e vida, e o caracol representa a velocidade lenta da sociedade para as novas questões imediatistas, como o movimento feminista, além do mais, representa a posição da mulher na sociedade, quando o molusco consegue finalmente resistir ao obstáculo.
- h) Terra e céu: a autora trata de imagens que retratam a Terra, como as cores, árvores, flores e pessoas, e o céu é tratado com luzes e imagens que retratam o paraíso.

Em *Um Teto Todo Seu*, a oposição entre *mundo exterior e mundo interior*, destacada por Scaramuzza Filho (2008), é perceptível em:

Sem dúvida, ao observar o gato cotó parar no meio do gramado, como se também ele questionasse o universo, foi como se faltasse algo, algo parecesse diferente. Mas o que estava faltando, o que parecia diferente? – perguntei a mim mesma, enquanto ouvia a conversa. E, para responder a essa pergunta, tive de deixar a sala em pensamento, recuar até o passado, de fato antes da guerra, e pôr diante de meus olhos a imagem de outro almoço realizado em locais não muito distantes destes. (WOOLF, 1985, p. 17-18)

Na análise da metáfora de bipolaridade, é evidente a diferença dos mundos no contexto citado. Enquanto num almoço (mundo exterior), a protagonista Mary Benton viaja para um mundo interior tão distante, questionando a condição humana e o universo por meio da visão do felino. Ainda questiona o ritual dos almoços das universidades e as conversas que ocorrerem nesses momentos de socialização.

O contraste entre os elementos *macrouniverso* e *microuniverso* está presente em “O lindo dia de outubro findava e as folhas caíam das árvores da avenida, enquanto eu a percorria.” (WOOLF, 1928, p. 20).

Novamente são identificados os recursos da metáfora de bipolaridade, a utilização de elementos pequenos perto de elementos maiores, as folhas são representadas como microuniverso enquanto a avenida e as árvores representam um macrouniverso.

Com seu trabalho repleto de imagens e símbolos, musicalidade e ritmo, Virgínia Woolf se destaca dos outros autores do Modernismo por seu esteticismo inovador, cujo estilo literário caracteriza as novidades vanguardistas da Europa moderna. Provocando no leitor uma reflexão sobre as novas estruturas sociais e tecnológicas, a autora se beneficia de seu amor à escrita para trabalhar novas estruturas sintáticas, criando um discurso psicológico inovador.

Tais características relacionadas à forma, como a tendência estética para a vanguarda artística, são identificadas em toda sua trajetória literária, assumindo temas inovadores, como o engajamento social, que leva a introdução de argumentos políticos. Com o fluxo de consciência, a autora utiliza como subsídio os pensamentos e emoções das personagens para que o leitor penetre na consciência delas. Exemplo desse estilo é ilustrado no trecho do livro *Um Teto Todo Seu*:

Qual tinha sido a ideia que me fizera tão audaciosamente transgredir a lei eu já não conseguia lembrar. O espírito da paz desceu como uma nuvem dos céus, pois, se o espírito da paz habita algum lugar, são os pátios e as quadras de Oxbridge numa bela manhã de outubro. Perambulando em meio àqueles prédios universitários para

além dos solares ancestrais, a dureza do presente como que se desvaneceu suavemente; o corpo parecia contido num miraculoso armário de vidro que nenhum som conseguia atravessar, e a mente, liberta de qualquer contato com a realidade (a menos que se invadisse o gramado novamente), estava livre para deter-se em qualquer meditação que se harmonizasse com o momento (WOOLF, 1985, p. 11).

Além da sociedade fortemente criticada em seus trabalhos, é possível identificar o momento histórico em que ocorrem as narrativas. As inovadoras formas de discurso permitem que os leitores reconheçam o contexto da época, retomando ao período de fatos notáveis que ocorreram na sociedade, como a guerra ou o advento da indústria.

A sociedade inglesa do século XIX é fortemente representada pela rainha Alexandrina Vitória Regina. Ela assume o reinado aos 18 anos, logo após a morte de seu tio, rei William IV. A primeira ordem da rainha é que passasse a dormir sozinha, longe do controle de sua mãe. Seu reinado é um dos mais duradouros da história da Inglaterra: ao país se dedica por 64 anos, de 1837 a 1901.

Conforme Silva (2005, p. 224), não é exagero considerar que o estilo e o comportamento da rainha influenciam a sociedade britânica do século. A rainha Vitória é sinônimo de sofisticação, pontualidade e sobriedade, até hoje características associadas ao povo inglês.

Mesmo com a atual redução do poder monárquico, a Inglaterra segue com as práticas e os valores morais e religiosos da família real. Durante o reinado da rainha Vitória, as bebidas, os jogos e o fumo eram considerados impróprios para os cavalheiros. Porém, muitos destes homens respeitados frequentavam prostíbulos e casas de jogos londrinos à noite. A mulher, por sua vez, é vista como um ser frágil, sem voz e inútil - ela não tem direito ao voto, não tem autonomia quanto ao seu dinheiro e dificilmente é aceita em universidades e bibliotecas.

Com a hipocrisia da sociedade vitoriana, o papel social da mulher no final do século XIX e início do século XX é reduzido a ser mãe, esposa ou amante. O

ideal da mulher no lar e a separação dos papéis sociais entre homens e mulheres parecem ser incontestados naquela sociedade aparentemente desenvolvida.

Por falta de espaço e de opções de trabalho, muitas das mulheres se rendem à prostituição para conseguirem o sustento. Logo, essa maioria se torna vítima do alcoolismo, da sífilis e da tuberculose. Quando elas obtêm cargos profissionais, geralmente são no campo ou na indústria, assumindo funções de menos prestígio que a dos homens.

Segundo Duby e Perrot (1995b, p. 508), no mundo da educação e do trabalho, a lei da alternância não tem peso, as posições ditas dominantes sempre são ocupadas por homens e as posições desvalorizadas sempre são ocupadas por mulheres. Quando as mulheres progredem numa profissão, esta já foi abandonada por um homem.

Enquanto a mulher é culpada como desonesta ao abandonar o lar em busca de emprego, o homem é tratado como uma pessoa respeitada que faz carreira. A diferença social implícita nos costumes do momento reflete um preconceito desleal para com a mulher, que sempre é associada à família nos papéis de mãe, esposa ou amante, mas alheia às oportunidades intelectuais.

Ao considerarem que o conhecimento é adquirido por meio da experiência e da educação, as mulheres do final do século XIX e início do século XX questionam as diferenças sociais impostas a elas e demonstram que as diferenças físicas não justificam a discriminação sexista. Logo, a época é caracterizada por forte militância feminista e intensa entrada das mulheres na educação e no trabalho assalariado.

Além de ser mãe, esposa ou amante, a nova face feminista traz à mulher outro papel, o de intelectual. Com instrução, a mulher adquire acesso à palavra e passa a combater os costumes e imposições definidas ao gênero feminino. Essa onda de ativismo começa a subverter a maior parte das desigualdades políticas e sociais entre os sexos na sociedade ocidental e caracteriza-se como resultado da Revolução Industrial. (DUBY; PERROT, 1995b, p. 443)

Porém, não é em todas as classes sociais que as mulheres permitem-se dedicar à educação. Para Virginia Woolf, é necessário abdicar-se à vida familiar,

ganhar 500 libras anuais e ter um espaço próprio para a produção intelectual, como identificado no livro *Um Teto Todo Seu*:

A liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não apenas nos últimos duzentos anos, mas desde o começo dos tempos. As mulheres têm tido menos liberdade intelectual do que os filhos dos escravos atenienses. As mulheres, portanto, não têm tido a mínima chance de escrever poesia. Foi por isso que coloquei tanta ênfase no dinheiro e no quarto próprio. (WOOLF, 1985, p. 141).

A luta pelo acesso ao mundo profissional é identificada por uma minoria de mulheres que criam uma identidade pública para as questões feministas. Defendendo essa causa, conquistam o reconhecimento do estatuto civil e um novo panorama político. Portanto, as hostilidades e as reivindicações provocam no mundo ocidental amplas discussões públicas e intensas lutas de grupos políticos e sociais. (DUBY; PERROT, 1995b, p. 541)

Na luta pela emancipação social da mulher, elas criam clubes políticos em toda a extensão europeia. Pela liberdade e igualdade, direito à palavra, educação, e abolição da servidão, estruturam seu discurso na imprensa, que se dissemina mais rapidamente que em reuniões fechadas. Com a ferramenta jornalística, o jornal impresso é difundido rapidamente pelas diversas posições feministas.

Com redatoras mulheres, os jornais promovem a necessidade da melhoria da educação para as senhoras, formam opinião pública, capacitam jovens operárias e divulgam a cultura feminista e movimentos socialistas internacionais. Assim, grandes escritoras engajadas no debate político se promovem e abrem um novo espaço para a imprensa e para a criação literária.

Como destacado por Virginia Woolf em *Um Teto Todo Seu*, não havia precedentes na sociedade ocidental de mulheres na vida cultural:

Mesmo no século XIX, a mulher não era incentivada a ser artista. Pelo contrário, era tratada com arrogância, esbofeteadada, submetida a sermões e admoestada. Sua mente deve ter sofrido tensões, e sua vitalidade reduzida pela necessidade de opor-se a isto, de desmentir aquilo. (WOOLF, 1985, p. 72)

Na história da mulher, em toda a extensão da Europa e Estados Unidos, a elas era introduzido o conceito de arte apenas para se tornarem socialmente atraentes e sensíveis. Entretanto, as mulheres das classes média e alta praticavam de modo amador a habilidade de tocar piano ou violino, cantar, ou pintar aquarelas.

No século XIX, não diferente do século XX, o escasso ambiente profissional para a cultura feminina se baseava no artesanato, nas artes decorativas ou no design. Nas áreas de música, dança e teatro, as mulheres poderiam desenvolver carreiras brilhantes, porém, todos os créditos concedidos à produção se destinavam aos homens, que compunham a música, escreviam as peças ou coreografavam as danças.

Articuladas pelo ideal da igualdade de acesso à cultura comum, a contestação pela vida e produção sociocultural representam uma nova face do preconceito de que as mulheres além de serem consideradas inferiores intelectualmente, são consideradas inferiores culturalmente. Logo, as manifestações pelo direito à cultura intensificam as lutas feministas. Nas décadas de 1970 a 1990, o movimento social feminista se amplia numa dimensão mundial: as revolucionárias distribuem panfletos, jornais, criam canções e fazem grafites nas ruas para afirmarem sua intolerância às diferenças e desigualdades sexistas nos meios artísticos.

Duby e Perrot (1995b, p. 351) pontuam três fenômenos que favorecem o surgimento da mulher na produção cultural no início do século XX: primeiramente, as lutas feministas pela igualdade de estudo e de diplomas, nas quais elas obtêm êxito evidente. Segundo, a evolução das técnicas, o crescimento do público amador e a difusão maciça das obras de arte a partir dos anos cinquenta. E, por último, o desenvolvimento de novas estruturas da produção cultural que permitem salários dignos e maior autonomia e visibilidade social feminina.

Além dos fenômenos supracitados, outro fator favorável ao discurso feminista é o advento da ciência em benefício da mulher. A criação e desenvolvimento da tecnologia na produção de métodos anticoncepcionais na década de cinquenta libertam as mulheres para o mercado de trabalho. Menos filhos em casa representam mais espaço para as senhoras se dedicarem a outras funções, como a criação artística ou a pesquisa acadêmica.

Woolf, em sua obra *Um Teto Todo Seu*, investiga os rumos da arte feminista pelo viés da literatura e da produção ficcional:

No entanto, por alguma estranha força, todas foram compelidas, ao escreverem, a escrever romances. Teria isso algo a ver com nascer na classe média, perguntei-me, e com o fato, que Miss Emily Davies iria demonstrar tão extraordinariamente pouco mais tarde, de que a família de classe média do início do século XIX possuía apenas uma sala de estar para todos? Se uma mulher escrevesse, teria de escrever na sala de estar comum. E, como se queixaria tão veementemente Miss Nightingale – “as mulheres nunca dispõem de meia hora... que possam chamar de sua” -, ela era sempre interrompida. Mesmo assim, seria mais fácil escrever ali prosa e ficção do que escrever poesia ou uma peça. (WOOLF, 1985, p. 88)

No panorama da nova mulher com necessidade de expressão artística, é identificado por Duby e Perrot (1995b, p. 352) que o cenário da produção literária é mais atraente para o público feminino. Mesmo com todas as dificuldades sociais de escrever, esse ambiente literário é mais próximo das mulheres do que as outras manifestações de arte:

Objectar-me-ão que as raparigas são ainda mal orientadas: demasiado numerosas nas letras, em número insuficiente nas ciências, entre outras situações. Este argumento é válido quando se luta pela miscibilidade do conjunto do campo social, mas não explica porque e como se passa de 75% de raparigas em estudos literários a

25% de escritoras e a proporção ínfima de mulheres nos mais altos postos da cultura. (DUBY; PERROT, 1995b, p. 352)

A literatura inglesa conhece numerosos exemplos de escritoras notáveis, como as irmãs Brontë – Charlotte, Emily e Anne Brontë – Elizabeth Barret, George Eliot, Frances Fanny Burney, Agatha Christie, Georgette Heyer, Dorothy Leigh Sayers, Edith Nesbit, e Catherine Louisa Pirkis.

No que diz respeito à Virginia Woolf, a vida intelectual possibilitou a expressão de sua personalidade e de seus ideais mais igualitários. Com a facilidade de disseminação da informação e da opinião, dedicava-se a debates políticos, palestras para mulheres e na produção de artigos e livros. Publicou numerosos artigos que destacam a posição social das mulheres no meio intelectual, tal como no trabalho, na literatura e no romance.

Em seu artigo *Mulheres Romancistas* (2012, p. 26), Virginia questiona a visão tradicional da mulher e expõe as dificuldades da inserção feminina no mundo literário da época. Cita como exemplo a mãe da literatura inglesa, Miss Burney, que teve seus primeiros manuscritos queimados por ordem da madrasta e teve de ficar bordando como forma de castigo. Não diferente de Jane Austen, que deveria esconder seus escritos em meio a outros livros quando alguém entrava na sala, ou Charlotte Brontë, que teria de interromper seu trabalho para descascar batatas.

Ao considerar os problemas domésticos, Woolf ainda pontua os problemas morais da inserção da mulher na ficção:

Miss Burney havia mostrado que era “possível para uma mulher escrever romances e ser respeitável”, mas o ônus da prova ainda voltava a recair sobre cada nova escritora que surgia. Mesmo nos anos vitorianos, George Eliot ainda era acusada de “grosseira e imoralidade”, por tentar “familiarizar o espírito de nossas jovens nas camadas médias e altas com temas que seus pais e irmãos jamais se atreveriam a comentar na presença delas. (WOOLF, 2012, p. 27)

Além disso, Virginia (2012, p. 27-28) considera que as repressões nas obras das mulheres são um pecado contra a arte, já que o problema da arte é difícil por si só, e ainda ter de pensar se o público julgará os padrões de pureza moral esperados na obra inibe tal criação literária. Essa constante expectativa e crítica por parte dos homens contribuiu para que George Eliot e Miss Brontë adotassem pseudônimos masculinos. Assim, ao escreverem, libertariam a própria consciência das expectativas opressivas em relação ao seu sexo.

Porém, Virgínia argumenta que os estilos de escrita masculina e feminina se diferem muito, mesmo se ambas tratarem do mesmo assunto. Segundo Mr. Brimley,

A escrita de uma mulher é sempre feminina; não pode deixar de ser feminina; nos melhores casos, é extremamente feminina. [...] A mulher é uma realista moral, e seu realismo não se inspira em nenhum ideal de arte, e sim de afinidade com a vida. (WOOLF, 2012. p. 29)

Na história da mulher do século XX, como abordado por Duby e Perrot (1995b, p. 362), o estudo das transformações sócio-históricas do universo das letras caracteriza-se pelo crescente surgimento de escritoras dessa época, tornando um verdadeiro mercado com números consideráveis de leitores.

Em *Um Teto Todo Seu*, Woolf detecta os livros escritos pelo sexo feminino em todas as áreas científicas e literárias:

Pois há agora tantos livros escritos por mulheres quanto por homens. Ou, se isso ainda não é exatamente verdade, se o masculino é ainda o sexo volúvel, é certamente verdade que as mulheres já não escrevem apenas romances. Há os livros de Jane Harrison sobre arqueologia grega; os livros de Vernon Lee sobre estética; os livros de Gertrude Bell sobre a Pérsia. Há livros sobre todo tipo de assuntos, que, há uma geração, nenhuma mulher teria tocado. Há

poemas e peças e crítica; há histórias e biografias, livros de viagens e livros de erudição e pesquisa; há até algumas filosofias e livros sobre ciência e economia. (WOOLF, 1985, p. 105)

Na linguagem simbólica do texto literário, a personagem de ficção representa os indivíduos bem como os costumes e pensamentos oriundos da época. É traduzida, pelo viés da personagem, a visão de mundo do autor e da sociedade do momento.

Um Teto Todo Seu focaliza a mulher na ficção: escritora e personagem. Por meio da personagem, Virginia Woolf consegue claramente transmitir a cultura da sociedade britânica do século XX, tratando da mulher e das imposições definidas ao gênero feminino nos mais variados cenários adotados, como na biblioteca:

Mas, nesse ponto, eu já estava exatamente na porta de entrada da própria biblioteca. Devo tê-la aberto, pois instantaneamente emergiu, como um anjo da guarda a barrar o caminho com um agitar de túnica negra, e não de asas brancas, um cavalheiro súplice, grisalho e gentil, que deplorou em voz baixa, e a fazer-me sinais para que saísse, que as damas só são admitidas na biblioteca acompanhadas por um *Fellow* da Faculdade ou providas de uma carta de apresentação. (WOOLF, 1985, p. 13)

Nesse contexto, a personagem da trama, Mary Benton, é proibida de entrar na biblioteca por não estar acompanhada de um estudante da faculdade, que possui certos privilégios. Em outra passagem, a personagem faz questionamentos relacionados às diferenças sociais:

Por que os homens bebiam vinho e as mulheres, água? Por que um sexo era tão próspero e outro, tão pobre? Que efeito tinha a pobreza na ficção? Quais as condições necessárias para a criação de obras de arte? (WOOLF, 1986, p. 35)

Portanto, pode-se observar que a utilização de personagens femininos para contestar os valores morais da época é uma rica ferramenta com grande poder de disseminação de ideias e pensamentos revolucionários. No que diz respeito à Virginia Woolf, a abordagem desse tema adequa-se ao romance ensaio *Um Teto Todo Seu*.

2 UM TETO TODO SEU: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM FEMININA

No enredo de *Um Teto Todo Seu*, a protagonista Mary Benton é uma autora que recebe anualmente 500 libras como pensão de uma tia falecida. Ela exemplifica o ideal preconizado pela autora da mulher possuidora de alguns recursos financeiros próprios e um teto todo seu. Como forma de encorajar as mulheres a ingressarem na literatura, a obra é um manifesto para conquistarem a liberdade e o conforto para escreverem sem interrupções. A história se passa no Museu Britânico no período de 1928.

Um Teto Todo Seu divide-se em seis capítulos. O foco narrativo é de primeira pessoa. No primeiro capítulo, as seguidoras de Mary Benton a solicitam que fale sobre as mulheres e a ficção. Ela senta-se à margem do rio para refletir sobre o assunto e cita modelos literários, como Fanny Burney, Jane Austen, as irmãs Brontë, George Eliot e Mitford. A personagem, ao discursar sobre o sistema da literatura feminina, renova as tradições da escrita ao expor seus gostos artísticos. Depois vai à biblioteca, mas é barrada na entrada, pois apenas damas acompanhadas por um *Fellow* (estudante graduado) ou providas de uma carta de apresentação podem entrar. Por fim, ela participa de refeições sociais em Oxbridge.

No capítulo seguinte, Mary Benton busca pela verdade acerca das diferenças sociais relacionadas aos gêneros: por que as mulheres bebem água e os homens, vinho? Por que as mulheres são pobres e os homens, ricos? Ainda comenta o que os pensadores da época falam sobre as mulheres e percebe que há contradições de opiniões. Com anotações confusas sobre a pesquisa, a personagem sente raiva porque teve uma manhã de trabalho sem resultados.

Em seguida, no terceiro capítulo da obra, a protagonista, que não obteve informações importantes, pensa em desistir da pesquisa. No Museu Britânico, encontra vários artigos machistas de pesquisadores, como os do professor Trevelyan, que defendem a causa de que as mulheres não podem participar de movimentos históricos. Benton então percebe que nada se sabia sobre o gênero feminino antes do século XVIII.

No quarto capítulo, ainda no Museu Britânico, Mary encontra poesias da feminista Lady Winchilsea e depois a compara com Margaret de New Castle. Ambas possuem o mesmo perfil: são de famílias nobres e não possuem filhos, padrão exigido na época para a inserção de mulheres na produção artística. Ainda gostam de poesia e defendem a mulher pela igualdade social. Posteriormente, encontra obras de Aphra Behn, ícone da força feminina, mostrando que é possível a mulher ganhar dinheiro escrevendo.

Logo no quinto capítulo, Mary Benton passa por prateleiras de escritores vivos e encontra vários livros escritos por mulheres nos mais variados assuntos, como no campo da filosofia, da erudição e pesquisa, da ciência e economia. Identifica o livro *A Aventura da Vida*, escrito pela autora Mary Carmichael e observa que se trata de uma literatura homossexual feminina, talvez a primeira da história. Em seguida, reflete acerca da literatura e das relações sociais demonstradas nos livros.

A obra finaliza-se no sexto capítulo. A protagonista caminha por Londres e observa o cotidiano, ela avista um casal entrando em um táxi. Ao perceber a situação, conclui que a razão óbvia para aquela ação e a resposta de todas as perguntas é de que é natural que os gêneros cooperem. Defende, então, que há os dois sexos na mente e no corpo da humanidade, afirmando que as mentes são andróginas, com a ação masculina e a recepção feminina, equilibrando os opostos. Para a criação literária se realizar, é preciso que a mente do escritor esteja livre de amarguras e preconceitos. Benton pede às escritoras que tenham seu próprio quarto para terem a liberdade e sossego necessários à produção literária.

Repleta de ideais igualitários, a obra de Virginia Woolf transmite a luta feminista do século XIX e XX pelo viés da única personagem ficcional, Mary Benton. Com seus diálogos em defesa da causa da mulher pela inserção no mercado de trabalho, obtenção de direito ao voto, ingresso na universidade e espaço para a produção cultural, Benton facilmente é associada à Virginia Woolf, prefigurando-se assim como seu *alter ego*.

Na literatura, o *alter ego* representa a identidade oculta do personagem revelando quem é o autor da obra. Nesse caso, a protagonista é o *alter ego* do próprio narrador/autor. Essa ferramenta de utilizar de um personagem como pretexto

para a disseminação de ideias e valores morais é encontrada em toda obra *Um Teto Todo Seu*, difundindo manifestos revolucionários sem comprometer seu nome:

Que se pudesse encontrar qualquer mulher com essa disposição de ânimo no século XVI era obviamente impossível. Basta pensar nos túmulos elisabetanos, com todas aquelas crianças ajoelhadas de mãos postas; e em suas mortes prematuras; e ver suas casas de cômodos escuros e abarrotados, para perceber que nenhuma mulher poderia ter escrito poesia naquela época. O que se esperaria descobrir seria que, talvez bem mais tarde, alguma grande dama tirasse proveito de sua relativa liberdade e conforto para publicar algo com seu nome e arriscar-se a ser considerada um monstro. Os homens, é claro, não são esnobes – prossegui, evitando cuidadosamente “o notório feminismo” da Srta. Rebecca West -, mas apareciam com simpatia, em sua maior parte, os esforços de uma condessa para escrever versos. Poder-se-ia esperar encontrar uma dama nobre experimentando um incentivo bem maior do que uma desconhecida Srta. Austen ou uma Srta. Brontë na época encontrariam. Mas também esperaríamos constatar que sua mente fosse perturbada por emoções estranhas, como medo e ódio, e que seus poemas revelassem sinais de tal perturbação. (WOOLF, 1985, p. 77)

Na luta pela emancipação feminina, o início da defesa feminista é caracterizado pelo argumento de que o ideal igualitário significa que as mulheres são capazes e podem fazer o mesmo que os homens. Segundo Simone de Beauvoir, filósofa e representante dos direitos feministas do século XX, há equívocos em relação a essa argumentação, porque os homens e as mulheres são diferentes em sua natureza humana.

Então Beauvoir estuda a fenomenologia, verificando como os fatos se manifestam à existência humana. Por conseguinte, analisa que cada ser humano constrói sua própria consciência a partir do fluxo de suas experiências. Ela sustenta a ideia de que a relação que cada pessoa tem com seu próprio corpo, com a própria

filosofia de vida e com o mundo exterior é fortemente influenciada pelo gênero sexual. (BEAUVOIR *apud* BUCKINGHAM, 2011, p. 277)

Desse modo, a filósofa defende que as pessoas nascem cruas, sem objetivos definidos e que as escolhas são determinantes para o desenvolvimento social do cidadão. Aplicada essa teoria ao conceito do gênero feminino, ela identifica que há uma separação entre a mulher biológica (a forma corporal) e a feminilidade (construção social). Para ela, existem inúmeras maneiras de “ser mulher” e exercer o papel existencial feminino: “Exortam-nos: sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres. Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, mulher. Ninguém nasce mulher, torna-se mulher.” (BEAUVOIR *apud* BUCKINGHAM, 2011, p. 277)

Essa luta é respeitada pelo ideal de tornar-se mulher na sociedade, assumindo escolhas profissionais e pessoais. A luta pela emancipação e visibilidade feminina é coerentemente assimilada à revolução social da época, como a conquista do direito ao divórcio, ao voto, ao estudo, ao acesso à arte, ao controle de natalidade, e à saúde, que fortalecem uma nova concepção da mulher, de seu papel social e da formação familiar.

Tratando-se de uma ainda atual, o movimento feminista dos séculos XIX e XX não se difere do século XXI. A nova onda feminista visa à luta contra a violência de gênero, o preconceito racial, a mercantilização do corpo feminino, e almeja os direitos relacionados ao corpo e à vida pública, como a legalização do aborto, a homossexualidade feminina e a participação da mulher na política.

De acordo com a revista Istoé (2013, p. 48), a Organização das Nações Unidas denuncia que há um surto global de ataques contra a mulher. A pesquisa constata que sete em cada dez mulheres serão vítimas de estupro ou violência ao longo da vida. Representante da ONU Mulheres no Brasil, Rebecca Tavares, defende que os países escandinavos melhoraram os índices de violência contra a mulher apostando na inclusão das mulheres nos cargos de poder, na participação do gênero masculino nas atividades domésticas e na garantia da independência financeira feminina:

Isso mostra que apesar de todas as conquistas ao longo do século XX, ainda faz muito sentido sair às ruas e empunhar as velhas bandeiras dos movimentos feministas – é o que muitas mulheres têm feito. Em dezembro de 2012, multidões tomaram cidades da Índia para protestar contra o estupro coletivo que resultou na morte de uma jovem estudante e reivindicar penas mais duras para os agressores. Protestos da mesma ordem se repetiram na África do Sul depois do estupro coletivo de Anene Booysen, de 17 anos. (ISTOÉ, 2013, p. 48)

Então, é visível a necessidade de mudança em relação à convivência entre os cidadãos. Os ataques físicos contra as mulheres não representam uma sociedade desenvolvida e intensificam a necessidade de reflexão e conscientização de que tais práticas de violência são preconceituosas e não tornam o gênero masculino mais digno de honra.

No que diz respeito à personagem da obra *Um Teto Todo Seu* e seu discurso, é necessária uma análise que identifique se há uma coerência entre seu estilo de vida e seu engajamento feminista. Para isso, tal investigação será aplicada nos segmentos de como ela vive, mora, se relaciona, seus mitos e seus textos.

Ao analisar como a personagem Mary Benton vive, determinar-se-á também seu comportamento em relação ao mundo exterior:

Minha tia, Mary Beton, devo dizer-lhes, morreu de uma queda de cavalo, quando estava cavalgando para tomar ar em Bombaim. A notícia da herança me chegou certa noite quase simultaneamente com a aprovação do decreto que deu o voto às mulheres. A carta de um advogado caiu na caixa do correio e, quando a abri, descobri que ela me havia deixado por toda a vida quinhentas libras anuais. [...] De fato, pensei, deixando a prata escorregar para dentro de minha bolsa, é impressionante, recordando a amargura daqueles dias, a mudança de ânimo que uma renda fixa promove. Nenhuma força no mundo pode arrancar-me minhas quinhentas libras. Comida, casa e

roupas são minhas para sempre. Assim, cessam não apenas o esforço e o trabalho árduo, mas também o ódio e a amargura. Não preciso odiar homem algum: ele nada tem a dar-me. Assim, imperceptivelmente, descobri-me adotando uma nova atitude em relação à outra metade da raça humana. Era absurdo responsabilizar qualquer classe ou qualquer sexo como um todo. As grandes massas de gente nunca são responsáveis pelo que fazem. (WOOLF, 1985, p. 50-51)

Ao prover de sua renda fixa anual, ela se impõe na sociedade no sentido de não depender de homem algum, de ter voz ativa para poder decidir como será aplicado seu dinheiro e de degustar o prazer de ter espaço para fazer suas próprias escolhas, tanto na vida profissional quanto na vida pessoal. Libertando-se do ódio e da amargura, Benton percebe que o modo de viver é intrinsecamente determinante para a filosofia de vida pessoal e para as reflexões acerca do mundo.

Para a análise de como Mary Benton mora, é focada a observação de como a personagem reside em determinadas circunstâncias:

Aqui, portanto, Mary Benton pára de falar. Ela lhes disse como chegou à conclusão – à prosaica conclusão – de que é necessário ter quinhentas libras por ano e um quarto com fechadura na porta se vocês quiserem escrever ficção ou poesia. (WOOLF, 1985, p. 137)

Como defendido em toda a obra, para a produção intelectual e artística, é preciso que a mulher abdique da formação familiar tradicional e conquiste um quarto próprio que possa chamar de seu. Mary Benton também se enquadra nesse padrão de vida e de residência, coerentemente definido por Virginia Woolf e considerado indispensável à independência feminina, visto que ela também possui um quarto com fechadura na porta.

Ao estabelecer relação entre o modo que a personagem Benton se relaciona com o mundo e seus ideais, o trecho a seguir ilustra que a personagem

não é apenas uma feminista empenhada em ideais igualitários, mas que possui de um caráter revolucionário contra os costumes e as imposições definidas na época:

É um fato curioso como os romancistas têm um jeito de fazer-nos crer que os almoços são invariavelmente memoráveis por algo muito espirituoso que se disse ou muito sábio que se fez. Raramente, porém, desperdiçam sequer uma palavra sobre o que se comeu. Faz parte do consenso dos romancistas não mencionar sopa, salmão e pato, como se sopa, salmão e pato não tivessem importância alguma, como se ninguém jamais tivesse fumado um charuto ou bebido um copo de vinho. Aqui, no entanto, tomarei a liberdade de desafiar esse consenso e de dizer-lhes que o almoço, nessa ocasião, começou com filés de linguado num prato fundo sobre o qual o cozinheiro da universidade espalhou uma cobertura de mais alvo creme, não fossem, aqui e ali, manchas castanhas como as dos flancos de uma corça. Depois disso vieram as perdizes, mas enganam-me se isso lhes sugere um par de aves implumes e escuras num prato. As perdizes, numerosas e variadas, vieram acompanhadas de todo o séquito de molhos e saladas, picantes e doces. (WOOLF, 1985, p. 16)

Provido pela riqueza de detalhes, o trecho quebra as tradições dos romancistas e o consenso comum ao mencionar o menu da refeição, despertando uma ruptura nos valores morais, tais características ligadas ao período vanguardista.

Ao identificar que a personagem é ficcional, a análise do mito se baseia em como a autora admite que Mary Benton não seja real. Woolf ainda simboliza seus costumes pelo viés da personagem, ambas tinham autonomia para sentarem à margem do rio desacompanhadas:

Assim, ali estava eu (chamem-me Mary Benton, Mary Seton, Mary Carmichael ou pelo nome que lhes aprouver – isso não tem a menor

importância), sentada à margem de um rio há uma ou há duas semanas. (WOOLF, 1985, p. 9)

No entanto, a análise dos textos de Mary Benton estuda seu discurso interior para comparação com sua vida:

Eis por que tanto Napoleão quanto Mussolini insistem tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois, não fossem elas inferiores, eles deixariam de engrandecer-se. Isso serve para explicar, em parte, a indispensável necessidade que as mulheres tão frequentemente representam para os homens. E serve para explicar o quanto se inquietam ante a crítica que elas lhe fazem, o quanto impossível é para a mulher dizer-lhes que este livro é ruim, este quadro é fraco, ou seja lá o que for, sem magoar muito mais e despertar muito mais raiva do que um homem formulando a mesma crítica. (WOOLF, 1985, p. 49)

Portanto, na análise da personagem feminina da obra *Um Teto Todo Seu*, é identificada a verossimilhança entre a ficção e a realidade por se tratar da vida ficcional da personagem aliada a discursos reais e plausíveis, que por sua vez representam os ideais do *alter ego* de Virginia Woolf, sua protagonista.

Como já disse que era um dia de outubro, não me atrevo a perder o respeito e pôr em risco o bom nome da ficção mudando a estação e descrevendo lilases pendendo de muros de jardins, açafreões, tulipas e outras flores da primavera. A ficção deve ater-se aos fatos e, quanto mais verdadeiros os fatos, melhor a ficção – é o que nos dizem. Portanto, ainda era outono e as folhas ainda estavam amarelecidas e caíam, quando muito, um pouco mais depressa que antes, pois então era noite (sete e vinte e três, para ser precisa) e uma brisa (do sudoeste, para ser exata) começava a soprar. (WOOLF, 1985, p. 23)

Assim, partindo da análise literária, Virginia Woolf preconiza em sua obra todo um conjunto de pensamentos libertários que marcariam a sociedade dos séculos XX e XXI. Seu engajamento político e suas ideias inovadoras possibilitam maior compreensão da sociedade e reflexão dos costumes sociais, tornando-se, ainda, uma importante representante da causa feminista.

3 NA SALA DE AULA COM O TEMA: O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE

Ao estudar na sala de aula o período compreendido entre a Modernidade e a Contemporaneidade da literatura inglesa, é imprescindível a análise dos textos de Virginia Woolf. Seu estilo literário inovador é uma excelente ferramenta para chamar a atenção e interesse dos alunos do nível médio para a literatura inglesa.

Repletos de imagens e símbolos, seus textos podem desenvolver nos estudantes as noções de vocabulários novos, além do pensamento reflexivo e da postura crítica que reconstruem os conhecimentos sobre as realidades do mundo social. Essa é a função social da literatura, relacionada ao conhecimento do mundo pelo leitor, ressaltada por Cândido (AMORIM *apud* CÂNDIDO, 2001, p. 3).

As práticas didáticas que usualmente são utilizadas em sala de aula, como a leitura, a escrita e a fala, objetivam construir um sujeito que, pensando sobre a linguagem, possa compreendê-la e utilizá-la adequadamente às situações e a propósitos específicos, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998).

Na legislação que regulamenta a Educação Básica, encontram-se variadas críticas quanto ao modo como o ensino de Línguas Estrangeiras tem sido realizado. Os PCNs do Ensino Médio mencionam que:

No lugar de capacitar o aluno a falar, ler e escrever em um novo idioma, as aulas de Línguas Estrangeiras Modernas nas escolas de nível médio acabaram por assumir uma feição monótona e repetitiva que, muitas vezes, chega a desmotivar professores e alunos, ao mesmo tempo em que deixa de valorizar conteúdos relevantes à formação educacional dos estudantes. (BRASIL, 1999, p. 49)

Para isso, os PCNs de língua estrangeira se fundamentam na teoria dos gêneros textuais e literários, sugerindo que o ensino da língua estrangeira trabalhe o

conhecimento necessário para que os estudantes desenvolvam as capacidades comunicativas sem métodos cansativos e monótonos.

Além da finalidade comunicativa, a abordagem da temática do gênero feminino na obra literária promove um vasto campo de discussão e reflexão acerca dos costumes sexistas dos séculos XIX e XX comparados com as características da sociedade atual. Segundo a revista Istoé (2013, p. 49), o Brasil ocupa a 7ª posição no ranking de países com maiores índices de homicídios femininos no mundo e a sociedade pode enfrentar essa trágica circunstância social com programas educativos no âmbito escolar.

Quanto aos aspectos formais, o texto literário instrui o aluno quanto aos padrões de linguagem e o familiariza com questões de argumentação e tipos de discurso, entre outros aspectos importantes do conhecimento textual. Para isso, é apresentado um plano de aula voltado para turmas do terceiro ano do ensino médio, considerando uma aula de uma hora:

a) Competências:

- Compreender o papel do sexo feminino na sociedade inglesa do século XX através do trabalho de Virginia Woolf, *A Room of One's Own*.

b) Habilidades:

- Identificar o movimento literário do período estudado;
- Analisar as características do gênero feminino na sociedade inglesa do século XX;
- Relacionar a mulher do século XX para as mulheres da era pós-moderna.

c) Procedimentos:

- Apresentando o professor;
- Perguntando aos alunos a diferença do status social das mulheres nos tempos antigos para os tempos modernos;
- Lendo em grupo um parágrafo do livro *A Room of One's Own*;

- Discutindo com os alunos os aspectos dos parágrafos apresentados;
- Debatendo as questões relacionadas ao preconceito sexista que ainda existe na sociedade atual.
- Fazendo um exercício com os alunos para fixar o assunto abordado.

Para a realização da aula, é proposta a seguinte leitura:

How can I further encourage you to go about the business of life? Young women, I would say, and please attend, for the peroration is beginning, you are, in my opinion, disgracefully ignorant. You have never made a discovery of any sort of importance. You have never shaken an empire or led an army into battle. The plays of Shakespeare are not by you, and you have never introduced a barbarous race to the blessings of civilization. What is your excuse? It is all very well for you to say, pointing to the streets and squares and forests of the globe swarming with black and white and coffee-coloured inhabitants, all busily engaged in traffic and enterprise and love-making, we have had other work on our hands. Without our doing, those seas would be unsailed and those fertile lands a desert. We have borne and bred and washed and taught, perhaps to the age of six or seven years, the one thousand six hundred and twentythree million human beings who are, according to statistics, at present in existence, and that, allowing that some had help, takes time.

There is truth in what you say — I will not deny it. But at the same time may I remind you that there have been at least two colleges for women in existence in England since the year 1866; that after the year 1880 a married woman was allowed by law to possess her own property; and that in 1919 — which is a whole nine years ago she was given a vote? May I also remind you that most of the professions have been open to you for close on ten years now? When you reflect upon these immense privileges and the length of time during which they have been enjoyed, and the fact that there must be at this moment some two thousand women capable of earning over five

hundred a year in one way or another, you will agree that the excuse of lack of opportunity, training, encouragement, leisure and money no longer holds good. Moreover, the economists are telling us that Mrs Seton has had too many children. You must, of course, go on bearing children, but, so they say, in twos and threes, not in tens and twelves. (WOOLF, 2004, p. 146-147)

Após análise e discussão do texto sobre as diferenças sexistas e as formas de preconceito que ainda existem na sociedade contemporânea, é proposto um exercício que promova a reflexão do que foi estudado na sala de aula:

- 1) Find out the characteristics of Modernism in this text.
- 2) Underline the social achievements of women in the text.
- 3) What is Woolf's conception of the nature of female gender?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo da sociedade britânica dos séculos XIX e XX, foi observado que os valores morais daquela comunidade foram herdados da rainha Vitória, que perpassam pontualidade, sobriedade e sofisticação. Desse modo, os hábitos de discrição e respeito são característicos daquele povo, mas considerados formalizantes e restritivos. Eles são um fator culminante para a revolta e luta feminista, que visam à igualdade de poder.

Visto isso, inúmeras mulheres da sociedade ocidental discordavam das diferenças sexistas e expunham sua reprovação por meio de manifestos. Uma das precursoras do movimento é Virginia Woolf, que traduz sua fúria às imposições da época por meio de seus escritos literários.

No que diz respeito à ilustração do gênero feminino sob a ótica de Woolf, é notado que em toda sua trajetória literária há um engajamento político, ora abordando a aristocracia, ora os valores morais, ora o ideal andrógino, ora o feminismo.

Observa-se que *Um Teto Todo Seu* é um rico manifesto para alertar as mulheres da época sobre os costumes sociais e as imposições definidas a elas. Além de a obra abordar o espaço feminino no cenário artístico, como na literatura, também retrata questões profissionais, como a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Identifica-se, por meio de seu discurso, que Mary Benton, protagonista da obra *Um Teto Todo Seu*, é o *alter ego* de Woolf. Todas as idealizações e pensamentos da autora são traduzidos pela personagem, que também reside em Londres e se dedica à escrita ficcional.

Na análise comparativa entre o discurso de Virginia e a história das mulheres dos séculos XIX e XX, é identificada a verossimilhança entre seus ideais

revolucionários e os movimentos históricos que as feministas do momento vivenciaram. Dubby e Perrot mencionam as mulheres sós, que abdicavam da família tradicional para ingressarem na vida intelectual. Já Virginia concorda com essa representação ao defender que são necessários um teto próprio e uma certa quantia financeira para poder trabalhar em paz.

O estudo do gênero feminino na sociedade britânica foi extremamente importante para a compreensão de como se dão as diferenças sexistas na sociedade atual. Com essa análise, constatou-se que as mulheres ainda são alvo de preconceito e violência graças aos conceitos antigos de que as mulheres são o sexo frágil, que não têm capacidade intelectual, nem voz ativa. Por isso, é destacada a importância da discussão temática do gênero feminino, seja nas ruas ou nos ambientes acadêmicos.

Desse modo, a presente pesquisa sugere que os professores do nível médio abordem o tema nas aulas de literatura inglesa para desenvolver nos alunos as habilidades de reflexão, visto que a sociedade deve investir em políticas públicas para enfrentar e modificar essa tradição de discriminação e violência contra a mulher.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Alan Ricardo de. **A Literatura em Busca de um Conceito**. Maringá: 2001. Disponível em <http://www.urutagua.uem.br//02_literatura.htm> acesso em 01 jun 2013.

BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**. Os Livros e a Escola do Tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias**. Língua estrangeira moderna. Brasília: MEC, 1999. Disponível em <http://www.utp.br/eletras/ea/eletras12/texto/resumo12_4.doc> acesso em 01 jun 2013.

BUCKINGHAM, Will (org.) **O Livro da Filosofia**. São Paulo: Globo, 2011.

CEVASCO, Maria Elisa; SIQUEIRA, Valter Lellis. **Rumos da Literatura Inglesa**. São Paulo: Ática, 1985.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. O século XIX. Volume 4. Porto: Afrontamento, 1995a.

_____. **História das Mulheres no Ocidente**. O século XX. Volume 5. Porto: Afrontamento, 1995b.

ISTOÉ. São Paulo: Três.ed. 2259. 06/03/2013.

SCARAMUZZA FILHO, Mauro. **O Estilo de Virginia Woolf no Conto Kew Gardens**. Disponível em www.utp.br/eletras/ea/eletras12/texto/resumo12_4.doc acesso em 17 maio 2013.

SILVA, Alexander Meireles da. **Literatura Inglesa para Brasileiros**. Curso Completo de Literatura e Cultura Inglesa para Estudantes Brasileiros. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2005.

SZABOLCSI, Miklós. **Literatura Universal do Século XX**. Principais Correntes. Brasília: Universidade de Brasília, 1990.

WOOLF, Virginia. **A Room of One's Own**. Londres: Penguin, 2004.

_____. **Profissões para Mulheres e Outros Artigos Feministas**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

_____. **Um Teto Todo Seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.